



UM DIA DIFERENTE

Este rosto que do espelho me observa
e ao meu se cola quotidianamente,
terreno dócil de que a mão obediente
avalia a aspereza como serva
que por missão tivesse ao despertar
sentir se a aparência é aceitável
ou se, ao contrário, o tempo inexorável
a barba fez crescer e alastrar
qual maré escura que aos outros indicia
uma espécie de tristeza rara,
uma dor da alma que assombra a cara
e faz negar a bênção de outro dia;
este rosto, ali, à minha frente,
que anos a fio me pareceu igual,
neste dia, sem surpresa, o vi diferente,
melancólica imagem no cristal,
nessa fria ilusão de água quieta
onde, tarde ou cedo, uma secreta
inquietação que arde em tudo o que é mortal
à superfície rebenta como vaga
e do homem faz barco á deriva

1º Prémio

Francisco Fernando Correia Pina

Página 1



que um turbilhão arrasta e traga,
toda a esperança tornando em fugitiva
réstia de luz cada vez mais distante
de uma vela solitária que arde
por alma de quem vive com a constante
certeza de que cedo se fez tarde
demais para alcançar o que um dia
se adiou e nunca mais foi feito,
ficando toda a vida em agonia
na sala mais secreta que há no peito.
Estranho rosto meu, rosto impassível,
subitamente credor impiedoso
dum tempo emprestado, pressuroso,
dum tempo sem retorno, irreversível.
Olho-te e penso: valerá a pena
perseguir tanta coisa, toda a vida,
fazer da vida inteira uma corrida
para tudo ter sem ter a mais pequena
parte de mim a que chame minha
porque a febre do que é fora me consome
e se sacia, dia a dia, com a fome
do meu ser desprezado que definha?
Tu que viveste a vida como festa
e te deixaste guiar pela ilusão

1º Prémio



ao veres agora o tempo que te resta,
subitamente rendido à condição
de mero actor que há-de sair de casa
sem jamais entender a personagem
ou o enredo que é apenas uma viagem
a que o fluir dos dias te condena,
levantas o olhar acusador
abrindo em teu reflexo funda ferida
e perguntas em silêncio inquisidor:
o que fizeste tu da tua vida?
E eu não sei responder...eu não sei nada
de mim senão que errei e que carrego
as sombras desses erros como um cego
que muita vez tomou a pior estrada.
Mas, se outra tomasse, quem me diz
que seriam menores os meus enganos
mais livres de trabalhos os meus anos
e tu, meu rosto, agora mais feliz?
Que claro é o futuro quando é passado...
agora é fácil dizer que poderia
a minha vida toda ter mudado
se em tal lugar ou em tal dia
cruzasse a rua para o outro lado
ou tivesse olhado no sentido oposto

1º Prémio



e visto na expressão de qualquer rosto
uma luz que me tivesse iluminado.
Mas eu vi o que vi e nada mais,
vi tão somente o que os meus olhos viram
e se os meus passos aqui me conduziram
este é o meu lugar entre os mortais.
Este rosto em que leio as profundezas
abissais do humano coração
é a minha frágil pátria de incertezas,
a vieira companheira do bordão
do peregrino solitário que se interroga
sob o arco do sol já descendente
enquanto a mão do tempo as estrelas joga
de novo sobre a mesa do poente.
Rosto tão estranhamente meu
que as rugas assombram, feitas de perguntas
por responder, neste dia juntas
numa única pergunta – quem sou eu?
E há um espinho na carne desta hora,
uma ferida neste dia diferente
com o tempo por dentro a correr fora,
por dentro do de fora, do presente
que enquanto isto escrevo é já passado
e que antes de escrevê-lo foi futuro

1º Prémio



dum verbo ser qualquer mal conjugado
que é o que sou apenas por que duro.
É tarde já... a face ao espelho furto,
de mim me afasto, retomo a rotina
dos dias sempre iguais, do tempo curto,
da meia-vida vivida em surdina;
regresso ao meu destino de horas certas,
ao tempo que corre entre lucro e dano
selando atrás de mim portas abertas.
Coleccionando engano atrás de engano,
mentido a mim próprio dia a dia,
morrendo muita morte, ano após ano,
confundindo desespero com alegria,
sedento de crer que existe um plano
em que não seja em vão tudo o que faço,
em que em cada espelho frio e baço
eu veja sempre, ainda que incerto, um rosto humano.